

## Visões do sertão nos relatos de viagem: reflexões sobre Paranaíba no século XIX

Isabel Camilo de Camargo

Mestre em História pela UFGD

Segundo a historiadora Ana Maria Mauad, variados aspectos da vida material durante o Império foram descritos ou retratados por viajantes, pintores, retratistas e fotógrafos que passaram pelo Brasil no século XIX: “Independentemente da modalidade do registro, foi o olhar do estrangeiro que nos enquadrou, ao mesmo tempo que educava o nosso olhar, para que nós mesmos pudéssemos nos mirar nos espelhos da cultura importada de seus países de origem” (1997, p. 184).

Isso significa que vivências de homens, mulheres e crianças foram, não raro, descritos ou relatados pelas lentes da cultura, dos valores e interesses do narrador. Entretanto, importa ressaltar o valor destas informações, pois seu enredo é repleto de elementos observados ou vividos, cujos detalhes são preciosos para se pensar um dado momento histórico.

A esse respeito Sérgio Buarque de Holanda ressalta que a partir do século XIX, com o processo de independência, o Brasil transformou-se ponto convergente de viajantes, aventureiros e exploradores das mais variadas nacionalidades:

Aí está um dos fatores do vivo interesse que, ainda em nossos dias podem suscitar os escritos e quadro de viajantes chegados do velho mundo entre o ano da vinda da corte e pelo menos, o do advento da Independência. De tão visto e sofrido por brasileiros, o país se tornara quase incapaz de excitá-los. Hão de ser homens de outras terras, emboabas de olho azul e línguas travadas, falando francês, inglês e principalmente alemão, os que vão incumbir do novo descobrimento do Brasil (1997, p. 13).

Nos tempos coloniais, os descendentes dos bandeirantes paulistas tratavam de emboabas os forasteiros portugueses e aos brasileiros de outras origens, sobretudo aqueles que entravam no sertão pelas mais variadas causas, como a busca de ouro e pedras preciosas. Entre esses emboabas dos quais fala o sociólogo, estava à família Taunay, que transmigrou junto com a corte portuguesa para o Brasil em 1808.

A obra de Taunay estimula uma análise a respeito da presença de estudiosos estrangeiros em espaço brasileiro. A partir da abertura dos portos às nações amigas

determinada por D. João VI, em 1808, as informações sobre as singularidades brasileiras passaram a ser descritas pela visão dos visitantes estrangeiros. Famosas expedições européias e norte-americanas que, sob a influência de Humboldt e de Spix e Martius, descreviam a paisagem a partir de recursos artísticos e registros científicos, conforme observa Brazil:

*‘Conhecer o Brasil’*, um dos espetáculos da natureza tropical, tornou-se a obsessão incessante dos turistas norte-americanos e europeus. Segundo, Raymond Williams essa afeição pela flora e pela fauna, esse obsessivo interesse pelo cenário selvagem explicava-se pelos efeitos do progresso material do mundo ocidental, os quais modificaram o espírito e a sensibilidade da sociedade moderna (1999, p. 59).

Por outro lado, a historiadora Karen Macknow Lisboa, no texto *Olhares estrangeiros sobre o Brasil do século XIX*, publicado em 2000, observou que no século XIX, sobretudo após a independência política do Brasil, algumas expedições realizaram longas viagens pelo interior do Brasil, alcançando as mais distantes regiões. A existência de numerosos escritos memorialísticos de estrangeiros deveu-se à relativa segurança em viajar pelo Brasil, país territorialmente grande, que dispensava a necessidade de cruzar fronteiras. Além disso, a relativa estabilidade política e os avanços referentes aos meios de transporte e de comunicação somados às novas possibilidades econômicas verificadas no âmbito nacional promoveram o grande fluxo de visitantes aos mais remotos recantos do Brasil.

Inúmeros naturalistas e exploradores receberam apoio do Imperador D. Pedro II, por razões não menos importantes como o estudo da natureza e da multiplicidade étnica. As características singulares do sertão brasileiro atraíram diversos visitantes, sobretudo, estrangeiros os quais viam nesse espaço um rico *laboratório* para os estudos sobre as diferentes *raças e culturas*.

O historiador Roberto Ventura, no trabalho sob o título *Um Brasil mestiço: raça e cultura na passagem da monarquia à república*, também ressaltou as contribuições dos relatos dos viajantes:

O Brasil imperial mostrou muitas caras aos viajantes estrangeiros. Longe de esgotar a multiplicidade de imagens que eles criaram a respeito de nossa sociedade, nosso governo, nossas instituições e

nossa história, é notório que o Brasil de 1808 a 1889 desponta como grande terra preta de potenciais, mas que permanece num constante estado de formação, de ainda estar por fazer, pelo processo civilizador, um eufemismo para a dominação de valores cunhados pelos europeus e transpostos ao Novo Mundo (2000, p. 294).

Elaine Cancian, no texto *Cativos nas fazendas pastoris do sul de Mato Grosso (1825-1888): considerações de pesquisa*, também teceu observações sobre a contribuição dos relatos de viagem no processo de investigação histórica:

[...] Comumente, o sul de Mato Grosso foi registrado pelo olhar de pintores, geógrafos, militares, engenheiros movidos pela perspectiva de trabalho e oportunidade de novos conhecimentos científicos. Narrativas resultantes da presença de homens engajados em missões particulares fornecem ponto de partida ao conhecimento que ainda precisa ser construído sobre a posse da terra nos pantanais [e nas demais localidades], a mão-de-obra usada nas fazendas, as formas de produção, bem como o modo de viver na região (1999, p. 121)

A independência brasileira desencadeou um processo de busca da construção identitária iniciada pela exaltação da natureza e do sentimento nacional. O nacionalismo pautava-se, portanto na valorização das particularidades regionais.

Para Afrânio Coutinho, os escritores deveriam deixar-se influenciar pelas cenas da natureza brasileira, “[...] o espírito nacional se confundia com a natureza” (1969, p. 323). Para Carlos Martins Junior, Taunay representava esse momento de exaltação à natureza.

Fiel às lições básicas do Romantismo, que associa história e nação para indicar o caminho que leva ao encontro da singularidade cultural de um povo, a ficção romântica brasileira foi buscar inspiração, para inventar essa singularidade, nos quadros regionais da natureza do país. Com fome e uma ânsia topográfica de apalpar todo o Brasil essa narrativa ficcional, mais do que criar tipos, personagens e enredos, fixou-se no ambiente e, praticamente, escravizou-se a ele. Assim, o que vai se formando e permanecendo na imaginação do leitor é um Brasil colorido e multiforme, que a criação artística sobrepõe à realidade geográfica e social. Essa vocação ecológica se manifesta por uma conquista progressiva do território (2006, s/p).

A interpretação do conteúdo do discurso de Taunay, por exemplo, seja como literato, como viajante ou como testemunha de uma época, impõe a utilização de todo um sistema de referência que vai desde suas concepções de mundo, trajetória, ligações teórico-ideológicas, passa por seus interesses de classe ou de caráter social e alcançam

os aspectos mais subjetivos como possibilidades, curiosidades ou motivações, conforme nos alerta Núncia Santoro Constantino (2002). Taunay, no entanto, era um viajante movido pela força da missão militar, pela perspectiva de oportunidades e pela busca de conhecimentos, cabendo reflexões a esse respeito.

### **Santana sob o olhar de um jovem viajante**

Taunay tinha 22 dois anos quando se espalharam as notícias sobre a invasão na Província de Mato Grosso. Alfredo Maria D'Escrangnolle, carioca, filho de migrantes franceses, movido, quem sabe pelo ímpeto das paixões da juventude, ou pela força da missão militar, ou pela perspectiva de oportunidades ou, ainda, pela busca de conhecimentos, abandonou temporariamente seus estudos e seguiu junto às tropas brasileiras rumo àquela província. Engajado nesse empreendimento foi encarregado de escrever o Diário do Exército (1870), produzindo, a partir daí, em vasta literatura sobre os horrores do conflito platino, como a Retirada da Laguna (1871) e outras obras já referidas, focadas em assuntos de natureza política, social e econômica.

O conhecido romance *Inocência*, escrito em 1871, foi ambientado na realidade mato-grossense e grande parte das narrativas de viagens e de guerra de Taunay foi publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Em viagem de regresso ao Rio de Janeiro em junho de 1867, incumbido de levar notícias da Força Expedicionária de Mato Grosso sobre a Guerra do Paraguai, Taunay, às margens do rio Verde, registrou em seu diário manifestos de exaltação à natureza traduzida na frase “Apesar de tudo uma noite no sertão é bela” (ano, p. 21). A missão de Taunay de narrar o cotidiano da Guerra misturava-se ao desejo de registrar o cotidiano do sertão. De sua determinação em celebrar a natureza e os costumes particulares do espaço por onde andou, fez registros importantes nos seus vários cadernos de textos, os quais, mais tarde, receberam o título de *Trechos de minha vida*. Esse material resultou em *Memórias* (concluídas em 1892), obra póstuma publicada em 1946, por iniciativa de Afonso Taunay. Os apontamentos do Visconde de Taunay também serviram de inspiração para a construção de *Inocência* (1872), obra que projetou Santana do Paranaíba na literatura e na história brasileira.

De longe é sumamente pitoresco o primeiro aspecto da povoação [de Santana de Paranaíba]. Ponto terminal do sertão de Mato Grosso assenta no abaulado dorso de um outeirozinho. O que lhe dá, porém encanto particular para quem a vê de fora, é o extenso laranjal, coroado anualmente de milhares de áureos pomos, em cuja folhagem

verde-escura se encrava as casas ressalta a cruz da modesta igreja matriz (1962, p.169).

Segundo Gilmar Arruda, na obra intitulada *Cidades e sertões*, as variadas interpretações sobre o interior brasileiro ligavam-se à forma distinta de se conceber a natureza.

[...] Cidades e sertões são termos que traduzem novas sensibilidades surgidas no processo acelerado de concentração populacional e de urbanização, por que algumas regiões passaram na primeira metade desse século [século XX]. Mais propriamente, pode-se falar de que se trata de ‘lugares de memória’ do processo de urbanização vivenciado de diferentes formas por diversos contingentes populacionais. Processo de transformação das paisagens, de construção e reelaboração de representações sobre o território e populações, em razão do qual surgiram imagens como as atribuídas ao Estado de São Paulo, como um lugar ‘moderno’, urbanizado e desenvolvido. No início do século mais da metade de seu território era considerado ‘sertão’, desde que se considere ‘sertão’ como o oposto de ‘cidade’ (2000, p.14).

Santana de Paranaíba foi vista por Taunay como vilarejo típico dos sertões do Brasil, constituído, segundo observou o escritor Otavio Gonçalves Gomes , por um “negociante mais forte, gente de fora, viajado, que conhece a capital do país e as grandes cidades” (1990, p.68).

Se por um lado Otavio Gonçalves Gomes mostrou que Santana fora apontada como outra vila qualquer, Arruda entendeu que havia uma preocupação de escritores e viajantes da época (século XIX) em construir características específicas de cada *sertão*, ou seja, havia à época o interesse dos letrados em escrever suas memórias, nas quais os lugares eram descritos de forma particular:

A elaboração de uma representação da natureza brasileira, enquanto elemento individualizante, produtor de características específicas, capazes de construir uma unidade autônoma, particular no cenário das nações, começou a ocorrer antes mesmo da independência do país. Sob o signo da história natural, uma comunidade de letrados, funcionários do Estado português, no final do século XVIII e início do XIX desenvolveu toda uma produção de *memórias*, nas suas *viagens filosóficas*, destinadas a produzir um conhecimento da natureza das colônias, resultando, daí, a construção de discursos que procuravam dar especificidades a um lugar chamado Brasil. Nas *memórias*, minuciosamente adotadas e detalhadas, os lugares assumiam características particulares, individualizantes (1990, p. 68).

Um exemplo da tendência descrita acima por Gilmar Arruda expressa-se nas *Memórias* de Taunay ao descrever as características do sertanejo e a paisagem sul-matogrossense com impressionante riqueza de detalhes:

No dia 30 de junho [1867] estávamos no vasto rancho do Sr. José Pereira, bom mineiro que nos acolheu otimamente e era o primeiro morador que encontrávamos à saída do sertão bruto de Camapoã e à entrada do de Santana, um pouco mais habitado. Acordando indisposto, bem tarde, saí do pouso, chegando, nesse dia 1º de julho, à margem do rio Sucuriú, afluente volumoso do Pardo que leva as águas do Paraná. Nossa pousada, no dia seguinte, devia ser a fazenda do Coletor, assim chamada por ter pertencido a um exator da fazenda nacional. [...] fomos para diante, tangidos pelo mais lúgubre dos espetáculos. Dois soldados estavam ainda fechando uma cova, onde com mais outras pessoas, boiadeiros e camaradas, acabavam de enterrar um alferes, vindo de Goiás, com destino às forças de Mato Grosso. O infeliz, ao alcançar o pouso tivera a desgraça de entrar pelo laranjal a dentro e acocorar-se em cima de umas folhas secas debaixo das quais estava enrodilhada uma cascavel! Mordido violentamente não durou senão minutos... (2000, p. 271).

A grandiosa produção de Alfredo d'Escagnolle de Taunay, representada por *Inocência* (1872), *Céus e terras do Brasil*, *evocações* (1882) e *Memórias* (1892), ofereceu significativas contribuições para se compreender parte do perfil da sociedade pastoril-escravista do sul de Mato Grosso, do século XIX.

### **O vilarejo**

A respeito de Santana do Paranaíba, Taunay descreveu a vila como ponto terminal do sertão de Mato Grosso, cuja área ocupava “extensa e quase despovoada zona da parte sul-oriental da vastíssima província de Mato Grosso a estrada que da vila de Santana do Paranaíba”, alcançava o sítio de Camapuã (2002, p. 17).

Taunay via como hostil e arisca as pessoas da vila, com exceção dos dirigentes da cidade e fazendeiros, classificados de “gente mais ou menos”. O atento transeunte escreveu que de longe o primeiro aspecto da povoação era pitoresco, mas se tratava de um lugar simples, constituídas por pequenas casas, mescladas com grandes sobrados:

Transpondo límpido regato e vencida pedregosa ladeira com casinhas de sapé à direita e à esquerda, chega-se à rua principal, que tem por mais grandioso edifício espaçosa casa de sobrado, de construção antiquada. Ornamenta-a uma varanda de ferro e um telhado que se adianta para a rua, como a querer abrigá-la em sua totalidade dos ardores do sol (1962, p.135).

A tradução mental dos aspectos apreciados ou reconhecidos por Taunay, a respeito do universo social de Santana de Paranaíba e suas proximidades, pode ser

considerado como produto de seus interesses e bagagem cultural. Cabe, pois, lembrar que Taunay era encarregado de realizar as narrativas de guerra e de viagens, de conhecer e reconhecer o espaço, as imagens, e, nesse aspecto, seus discursos e memórias precisam ser ponderados, pois existe segundo as reflexões da historiadora Sandra Jatahy Pesavento: “[...] complexas mediações entre a concreticidade da vida real dos homens e as representações que os mesmos produzem de si e do mundo [...], ou seja, no domínio da representação, as coisas ditas ou pensadas têm um outro sentido além daquele manifesto” (1995p.116).

### **Cenas e Costumes**

No romance rural *Inocência*, Taunay descreveu costumes, paisagens e tipos humanos, dessa parte do sertão brasileiro. Seus olhares revelam uma vila paupérrima e sazonal, onde se estampava a pobreza, e também se eclodiam facilmente as doenças, sobretudo as parasitoses e sezões. Sobre os costumes de Santana de Paranaíba Taunay fez o seguinte registro:

De vez em quando, naquela silenciosa rua em que tão bem se estampa o tipo melancólico de uma povoação acanhada e em decadência, aparece uma ou outra tropa carregada, que levanta nuvens de pó vermelho e atrai às janelas rostos macilentos de mulheres, ou à porta crianças pálidas das febres do rio Paranaíba e barrigudas de comerem terra (2002, p.13).

Ao realizar a descrição dos hábitos, costumes, episódios e cenários da vida sertaneja daquele rincão distante do litoral, Taunay trouxe a lume elementos essenciais e ocultos da identidade brasileira. Nessa empreitada, o viajante observou a complexa relação suscitada por um universo completamente adverso ao que vivia na orla litorânea. Seus valores, seus costumes, sua cultura o faziam ver Santana de Paranaíba em estranho estado de abatimento, de morbidez e condição doentia, assim como o sertão, “Que idéia forma aquela pobre gente da existência? O proletário da vida da cidade considera-a um fardo pesado” (1923. p. 22). Apesar de realçar a exuberância do meio natural, via no sertanejo esse abatimento.

Para Carlos Martins Júnior, (2006) Taunay, olhava o sertão e o sertanejo como uma expressão de quem busca a essência nacional, mas como um Brasil esquecido, cujo acesso, só é possível pela arte militar e observações científicas, sob os auspícios da civilização. Para Maria do Carmo Brazil, as narrativas sobre o sertão “[...] que promove

uma visão capaz de afigurar as imagens de ‘*sonhos*’ que se misturam aos pesadelos sombrios, [...] e de convívio malsão” (1999, p. 82.).

Sobre os costumes, temos como exemplo lugares da casa onde era vedada a entrada das visitas, como o quarto da personagem Inocência. Virgílio Corrêa Filho, em *Pantanaís mato-grossenses: devassamento e ocupação*, observou esse costume de esconder a família com o intuito de preservá-las: “para que não perturbassem a tranqüilidade satisfatória do lar, aos visitantes eram vedado o conhecimento da família, que só aparecia, quando o recém-chegado se incluía na mesma grei, ou se munia de credenciais fornecidas por parentes autorizados” (2009, p. 203). A ausência do marido, também vedava receber visitas, hábito presenciado por Taunay de regresso do Rio de Janeiro em 1867, quando passou pela casa de Joaquim Leal.

Em *Visões do sertão*, 1923, Taunay descreve que foi a uma missa realizada pelo vigário Fleury na matriz encontrando “umas mulheres velhas com a capa mineira tão característica nas povoações do interior” (1923, p. 28). Talvez essa capa fosse de uso tão comum na região que as mulheres as utilizam até para ir à missa, evento que reflete a importância da religiosidade no universo rural brasileiro.

Pela sua descrição, a vila de Santana era um local ermo, cuja população parecia viver em permanente reclusão. A presença de mulheres e crianças à porta de casa sinalizava enfermidade familiar. Em suma, os relatos e as memórias de viajantes são fontes muito interessantes para buscarmos compreender a construção da História e ela nos dá vestígios que nos fazem refletir seus dados com as de outros documentos, porém esses vestígios têm que ser analisados com um olhar crítico, que analise a fonte utilizada.

### **Referências Bibliográficas:**

ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões: entre a história e a memória*. Bauru/SP: Edusc, 2000.

BRAZIL, Maria do Carmo. *Rio Paraguai: o mar interno brasileiro- uma contribuição aos estudos dos caminhos fluviais brasileiros*. São Paulo. FFCHL/ Universidade de São Paulo. Tese de doutoramento, 1999.

CANCIAN, Elaine. *Cativos nas fazendas pastoris do sul de Mato Grosso (1825-1888): considerações de pesquisa*. IN: : História: debates e tendências/ Universidade de Passo Fundo, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Vol 1, n. 1, (junho, 1999). Passo Fundo: UFG, 1999.



CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *Pesquisa histórica e análise de conteúdo: pertinências e possibilidades*. In: Estudos Ibero-americanos. Porto Alegre, PUCRS, v. XXVIII, n.1, jun. 2002, p. 183-194.

CORRÊA FILHO, Virgílio. *Pantanais matogrossenses: devassamento e ocupação*. Campo Grande/MS: Governo de Mato Grosso do Sul, 2009 (Coleção documentos para a história de Mato Grosso do Sul).

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. V. 2. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1969.

GOMES, Otavio Gonçalves. *Mato Grosso do Sul na obra de Visconde de Taunay*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1990.

HOLANDA, Sergio Buarque (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. O Brasil Monárquico, v. 3, tomo II: *O processo de emancipação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

LISBOA, Karen Macknow. *Olhares estrangeiros sobre o Brasil do século XIX*. IN: MOTA, Carlos Guilherme (org). *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)*. 2 ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

MARTINS JUNIOR, Carlos. *Mato Grosso do Sul e a retirada da Laguna*. IN: Revista eletrônica Patrimônio: Lazer & Turismo. set., 2006. ISSN: 1806- 700X. Disponível em: <http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos.php?cod=81>. Acessado dia 20/03/2010.

MAUAD, Ana Maria. *Imagem e auto-imagem do segundo reinado*. IN: NOVAIS, Fernando A. (coord); ALENCASTRO, Luis Felipe de. (org). *História da vida privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Vol. 2.

PESAVENTO, Sandra Jatah, *Em busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário*. . Revista Brasileira de História. São Paulo, v.15, n.29, 1995, p. 10-11.

TAUNAY, Alfredo D'Escagnolle. *Viagem de Regresso de Mato Grosso a Corte – Memória Descritiva*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XXXII, parte segunda. Rio de Janeiro: Garnier, 1869.

TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1972.

TAUNAY, Alfredo D'Escagnolle. *Memórias do Visconde de Taunay*. São Paulo: Melhoramentos, 1946.

TAUNAY, Visconde de. *Visões do sertão*. 1 ed. São Paulo: OFF. Graph. Monteiro Lobato &C., 1923.

VENTURA, Roberto. *Um Brasil mestiço: raça e cultura na passagem da monarquia à república*. IN: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)*. Formação: histórias. Vol 1. 2 ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2000.